

# Um livro

THALITA FERREIRA  
MEIRELES BARBOSA

intransitiva  
• revista

PEQUENOS PRAZERES (v. 7, n. 1, 2023)

# Um livro

Thalita Ferreira Meireles Barbosa

Quantas palavras você lê por dia? Quantos livros você lê por semana? Não ouse perguntar por mês, afinal, acredito que a resposta, em sua maioria, pode não ser tão boa quanto o esperado. Ainda assim, é um bom início de conversa para refletirmos.

O que eu tenho em mente quanto a isso, é que as pessoas querem cada vez menos ler. Estão cada vez menos interessadas em gastarem suas preciosas horas de vida envolvidas com páginas recheadas de ideias, prazeres, imaginações, fantasias, posicionamentos, informações... enfim, universos inteiros descritos em uma coisa chamada “livro”. Por que as pessoas são assim? Ou melhor: por que ou como chegaram a esse nível?

Talvez o meu descontentamento lhe pareça banal, meu caro leitor, afinal, você está aqui lendo e, por isso, ouse dizer que você não compõe esse grupo de desinteressados. A pergunta sobre o porquê o desinteresse alheio me traz tamanha frustração pode ser respondida em uma simples e curta resposta: eu sou um livro. Eis o motivo.

Já houve algum momento de sua existência em que você se perguntou o porquê de existir? Por que você está onde está, ou se faria diferença você estar ali ou não? Você já se questionou que falta a sua falta faria? É assim que me sinto agora. De repente, eu passei a olhar para mim mesmo como alguém que, dentre outras palavras, melhor seria descrito como: substituível. Sim, sinto que eu posso ser facilmente trocado por algum outro instrumento ou fonte que despeje histórias que antes só eu tinha, que apenas em mim estavam escritas.

O que me incomoda é o fato de não ser buscado, procurado, querido. Há tempos que ninguém é capaz de chegar até mim e embarcar na doce aventura de ler-me, de conhecer a história que carrego. Algumas vezes, confesso, fui tirado da estante. Contudo, sequer fui aberto.

Preciso dizer que isso me foi gerando certa resistência. Já não queria abrir as páginas de minha história a mais ninguém. Eu cheguei a um nível de exaustão, de cansaço, pois todas as vezes que me arrancavam da minha doce e confortável estante, surgia em mim a certeza de que enfim seria lido, mas tal alegria rapidamente era substituída pela dura realidade de ser esquecido. Por mais angustiante que fosse ficar parado naquela estante, ali era de certa forma o lugar mais seguro, onde não havia medo. Por um lado, havia solidão, mas, por outro, havia liberdade. Eu já não sabia mais o que eu realmente queria: se queria ser lido como nunca antes, ou se queria fincar minhas raízes e cerrar minhas páginas para sempre.

Até que, um dia, alguém me tocou. Tirou-me da estante. Abriu a minha capa. Aproximou o seu rosto. Sentiu meu cheiro. E conforme ia soltando o ar, ia abrindo simetricamente o sorriso mais encantador que já vi. Antes mesmo de ler minha história, eu senti seu abraço confirmando sua aceitação – acredito que fui julgado pela capa. Em seu abraço, me pareceu que a estante onde minhas raízes estavam fincadas não era o lugar mais seguro que eu havia conhecido. No momento em que seus olhos repousaram sobre mim, em que seu rosto me tocou e em que seus braços me envolveram, eu sequer me lembrava daquela estante.

A sensação de ser lido era nova para mim. Eu precisava entender que, ao mesmo tempo que eu estava sendo lido, eu também precisava ler. A nova experiência de ter um leitor não me tirava o poder de escolha de tornar-me legível ou não. Eu não queria ter que passar pela triste desventura de ser lido, ou de abrir-me por completo e, então, retornar à estante. Eu queria ser lido e, então, ser carregado em sua mente, em seu coração. Queria ser para sempre o motivo daquele sorriso apaixonado, ser envolvido naqueles braços, ser lembrado pelo doce cheiro de páginas novas... enfim, eu queria ser único na vida daquele leitor.

Tudo o que eu sentia, porém, era medo, pois ao me abrir por inteiro, além de revelar toda minha história, ao final, ele descobriria que ainda há páginas em branco, as quais estariam à mercê de seu amor para completar a minha história.

Não era justo eu abandonar a estante para ter minhas páginas rabiscadas por mãos indignas. Eu, definitivamente, não queria correr esse risco.

Mas, ao mesmo tempo, eu não queria perdê-lo. Sua mente era tão fantástica! Sua capacidade, extrema. Seu pensamento, equilibrado. Seu amor, real. (Era o que parecia).

Mas havia um problema. Um único problema. Um mísero problema... é que as pessoas querem cada vez menos ler. Estão cada vez menos interessadas em gastarem suas preciosas horas de vida envolvidas com páginas recheadas de ideias, prazeres, imaginações, fantasias, posicionamentos, informações... enfim, universos inteiros descritos em uma coisa chamada “livro”.

## *Sobre a autora*

Thalita Barbosa é pedagoga, especialista em Neurociência, educação e desenvolvimento infantil e graduanda em Letras – Língua portuguesa pela Universidade Católica de Brasília. Atualmente, é professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na SEEDF (Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal).